

seus produtos, entrosando-se o Brasil no sistema econômico das nações imperialistas, no qual o nosso povo desempenhará o papel de mão-de-obra mal remunerada, com exceção daquela parte da burguesia nacional que terá unido os seus interesses ao do capitalismo internacional.

São esses os dois caminhos com os quais se defronta o povo brasileiro e cuja escolha deverá ser feita nas próximas eleições. Cabe, porém, ao candidato nacionalista esclarecer esta questão perante o nosso povo, esclarecê-la nos seus fundamentos econômicos de modo a tornar clara a divisão entre as forças nacionalistas e as entreguistas, não podendo ambas ser confundidas como vem acontecendo numa mesma teoria — a teoria desenvolvimentista — a qual parece arrastar o povo brasileiro, não sendo o Marechal Lott mais do que o continuador desta política.

Não é o que o povo espera do candidato nacionalista à presidência da República. A este não caberá apenas o papel de segurar as rédeas do governo para a futura reeleição, findo o seu período governamental, do Sr. Juscelino Kubitschek. Não. Cabe-lhe imprimir um rumo nacionalista à política da Nação. É o que a onda de irreflexão causada pela inauguração de Brasília não pode fazer esquecer ao povo brasileiro.

ELIAS CHAVES NETO

A ASCENSÃO HISTÓRICA DO BRASIL

ASPECTOS GERAIS

A HISTÓRIA. A História é a ciência fundamental. É a ciência das ciências. Domina tudo. Tudo entra no âmbito da História. A vida e o universo, a natureza e a sociedade dissolvem-se na torrente infinita da História...

As classes e as castas, os povos e as nações, a base econômica e a superestrutura, as forças de produção e as respectivas relações de produção, as doutrinas e as instituições, o direito e a família, a moral e a religião, são elementos rigorosamente históricos. Portanto, estão subordinados às leis do desenvolvimento histórico universal.

A História é a ciência crítica, dialética e revolucionária por excelência. É a ciência mais viva. É, por natureza, militante e combatente, atacante e triunfante. Pode e deve tornar-se uma arma poderosa e invencível na luta decisiva e conseqüente pela libertação nacional e social do Brasil e de toda a Humanidade!

A HISTÓRIA UNIVERSAL. A história do desenvolvimento da sociedade é a história dos modos de produção dos bens materiais necessários à vida humana. É a história do desenvolvimento das forças de produção e das respectivas relações de produção. É a história dos produtores, das imensas massas trabalhadoras.

Nas sociedades divididas em classes antagônicas, a luta das classes é a força motriz do desenvolvimento histórico.

A História Universal é a história do desenvolvimento da própria Humanidade. É a história dos povos, das

nações e nacionalidades em luta pelas quatro aspirações fundamentais — a paz e a fartura, o progresso e a liberdade. É, especialmente, a história das lutas das classes exploradas e oprimidas contra as classes exploradoras e opressoras. Quais são elas? Os escravos contra os escravistas, na Antiguidade. Os camponeses servos contra os senhores feudais, na Idade Média. A classe operária contra a burguesia, na Idade Contemporânea.

A HISTÓRIA DO BRASIL. A História do Brasil é a história ascensional dos vários modos de produção, do desenvolvimento das forças de produção e das respectivas relações de produção. Estas relações vêm sucedendo-se: a comuna primitiva, até o comêço do século XVI; o escravismo, até 1888; o semifeudalismo e a penetração capitalista, até hoje.

A História do Brasil é a história da luta dos contrários — as classes exploradas e oprimidas contra as classes exploradoras e opressoras. Quais são elas? O escravos índios e negros contra os escravistas. Os camponeses contra os grandes proprietários rurais. Os proletários contra a burguesia.

A História do Brasil é a história real e verdadeira, belíssima e grandiosa do indomável povo brasileiro — vencido por vezes, mas sempre invencível. É a história das batalhas do nosso povo pelas *quatro aspirações fundamentais* — a paz e a fartura, o progresso e a liberdade. É a história dessa grande marcha heróica, desde os tempos da comuna primitiva dos índios e desde os primeiros combates dos índios e negros contra a escravidão no século XVI, até a luta de hoje, diretamente pela libertação nacional, e a luta de amanhã, diretamente pelo socialismo.

A História do Brasil é a história épica, imortal dos vastos movimentos sociais e nacionais, avançados e progressistas, populares e revolucionários. É a história magnífica das massas laboriosas, dos construtores da grande Nação brasileira, dos escravos e servos, do índio e cabo-

elos, negros e mulatos, dos operários e camponeses, dos técnicos e intelectuais da vanguarda, dos verdadeiros artistas e escritores, cientistas e pensadores.

É a história de um povo de tremendas vicissitudes, de alma heróica e estóica, fiel aos ideais, apesar de todos os infortúnios. Alma cheia de *endurance* — a capacidade de resistência ao infinito. Provam-no o sertanejo na época das sêcas e o caboclo nordestino no desbravamento da Amazônia. Provam-no, sob mil formas diversas — cada um a seu modo — os caboclos indomáveis Euclides da Cunha e Floriano Peixoto, os nordestinos que construíram a usina elétrica de Paulo Afonso, os trabalhadores *candangos* que estão edificando Brasília e os brasileiros que impulsionam o desenvolvimento industrial do País.

A História do Brasil é rica de epopéias — cada uma a seu modo.

Que epopéias? A resistência dos índios desde o século XVI. Os combates dos negros escravos durante três séculos. A defesa da terra, da liberdade e nacionalidade, contra a agressão holandesa. O desbravamento realizado pelos Bandeirantes. A luta dos heróis como Tiradentes. Os movimentos pela Abolição e a República, no século XIX. As lutas dos intelectuais progressistas como Castro Alves, Euclides da Cunha e os escritores revolucionários do século XX. O desbravamento da Amazônia pelos nordestinos. A resistência dos camponeses índio-negros de Canudos até o total aniquilamento. A conquista do Acre pelos bravos seringueiros. A penetração na Serra do Norte e região dos Rios Juruema e Madeira pela Comissão Rondon. A revolta dos marinheiros contra a chibata, em 1910. As greves gerais dos operários, apoiados pelos intelectuais, em 1917-1920. As lutas do Partido Comunista, desde 1922. Os movimentos dos revoltosos pequeno-burgueses, em 1922-1927, começando pela insurreição armada de Copacabana, no Rio de Janeiro. Os combates dos operários e camponeses, estudantes e intelectuais, jovens e mulheres trabalhadoras, no passado recente e na atualidade.

A História do Brasil é, pois, uma História de Epopéias. É uma *Brasíliada*. É uma Gesta e um Romanceiro. É uma Odisséia dolorosa e o mais sublime Canto Heróico!

Os verdadeiros guias políticos, sociais e espirituais exercem um papel imenso na História. Mas os "heróis" isolados, os "salvadores" que descem do céu, os "super-homens" divinos e dogmáticos, as "personalidades" infalíveis e oniscientes, cheias de qualidades "sobrenaturais", não são de modo algum os construtores da História.

Os "heróis" sem as massas como o Brand de Ibsen ou os populistas russos, isto é, os *naródniki* do século XIX, sempre estão condenados ao fracasso.

O povo é o criador dos bens materiais. É o inspirador das grandes criações espirituais. É a força decisiva das transformações sociais revolucionárias.

Portanto, o grande herói da História do Brasil é o próprio povo brasileiro, sua origem, formação e desenvolvimento, suas batalhas titânicas pela ascensão histórica, pela consciência nacional, pela libertação nacional e social!

A política verdadeira começa quando conquista, empolga e arrasta *milhões*, e não apenas milhares de filhos do povo. Hegel, dialeto embora idealista, nas *Conferências sobre a Filosofia da História*, fala sobre a tensão infinita das pequenas forças que, parecendo insignificantes, originam algo de grandioso. É a tensão e, especialmente, a ação dos simples homens do povo.

As imensas massas populares são as verdadeiras forjadoras da História. São as edificadoras do que existe de mais grandioso no mundo!

CONHECER A FUNDO A PRÓPRIA HISTÓRIA.

O Brasil vem marchando numa longa *Ascensão Histórica Nacional*. Começou com a comuna primitiva dos índios. Atravessou o escravismo e o colonialismo de Portugal. Passou pelo Império escravista. Suporta a República semifeudal e burguesa, com a penetração capitalista. Avança no rumo da libertação nacional e social. Assim sendo,

é um fato incontestável o processo do desenvolvimento do Brasil.

Os povos fazem a sua história de acordo com as leis inelutáveis do desenvolvimento social. Seguem, pois, uma linha de ascensão, apesar de todos os reveses, zigzagues e retrocessos — *temporários*.

Por estas e outras razões, um povo que despreza a sua própria história comete um erro terrível. Rompe a unidade necessária do passado, do presente e do futuro. Não consegue ligá-los numa cadeia única. Não pode compreender sua origem e natureza. Desconhece o próprio passado, cheio de ricos e maravilhosos ensinamentos para a batalha no presente, em vista do porvir. Não prevê o futuro. Atravessa um momento efêmero, passageiro. Não pode atingir a mais alta e a mais profunda consciência nacional. Não contribui eficazmente para a unidade nacional. Nem para a união internacional dos povos. Não pode ligar-se sólidamente à cadeia imortal da História da Humanidade.

Portanto, os povos em geral e o povo brasileiro em particular precisam conhecer a fundo a própria História!

A VIDA DRAMÁTICA DO POVO BRASILEIRO.

A história do povo brasileiro nada tem de idílica. É profundamente dramática — em consequência do domínio das classes exploradoras e opressoras, com seus patronos estrangeiros.

Mas as lutas e, mesmo, os reveses e infortúnios forjam os homens. Retemperam os caracteres. Preparam, assim, uma das condições decisivas para o surgimento de uma grande Nação — avançada e progressista.

Na formação do Brasil, entraram três elementos díspares. Vieram de regiões diversas. Partiram de três continentes — a América, a Europa e a África. Pertenciam a três grandes grupos dessemelhantes. Era diferente o nível do desenvolvimento histórico. O índio ainda vivia na comuna primitiva. O negro, no escravismo. E o português, no feudalismo e na aurora do sistema capitalista.

Portanto, no Brasil, houve a maior diversidade. A diversidade da origem, da sociedade, das raças formadoras, da evolução histórica, do nível do desenvolvimento e das formações econômicas e sociais.

Como, então, atingir a verdadeira unidade? Como ir avante, não se restringir à unidade relativa atual? Como criar uma grande Nação profundamente homogênea? Só no futuro, sob o regime socialista...

A História do Brasil é a história da tortura da terra e do homem! A terra era muito selvagem. Não caiu do céu, como um dom divino. Foi desbravada palmo a palmo, numa conquista duríssima. Foi brutalizada pelos incêndios e derrubadas, a rapina e as devastações.

O homem não caiu do céu. Teve de ser criado, em condições penosas, como preliminar para o desbravamento da terra. Teve de forjar-se na dor e na luta. Surgiu um novo homem — o índio-caboclo, o mameluco, o Bandeirante.

A História do Brasil é extremamente dramática. É a história dos índios exterminados e negros escravizados.

Os índios, vivendo sob o regime social da comuna primitiva, não se adaptaram ao escravismo, implantado no século XVI. Não poderiam adaptar-se. Resistiram desesperadamente a esse sistema — implantado a ferro e fogo, com o auxílio das piores violências. E, assim, aconteceu em todo o País.

Os exploradores e opressores portugueses, escravistas e colonialistas, com seus agentes e instrumentos, cometeram crimes inauditos. Incendiavam as aldeias. Aniquilavam os povoadores. O extermínio dos índios despovoou o Brasil nos primeiros séculos. A terra ficou ainda mais bravia, deserta e selvagem!

Nos primeiros séculos, massas de índios foram enganadas, no interior. Receberam promessas de liberdade, fartura de peixe e mariscos, isto é, promessas de caráter econômico e social. Desceram cãndida, ingenuamente. Chegaram às povoações do litoral. Aí foram logo divididas, separadas, vendidas, escravizadas.

Antes de 1588, 80 mil índios tinham descido do interior para o litoral da Bahia. Mas, nessa data, essa multidão já tinha desaparecido. Uns preferiram fugir. Voltaram às selvas ou aos sertões. A grande maioria, porém, morreu de fome, epidemias, maus tratos e trabalhos forçados. Tal a tragédia dos índios.

O bandeirante Antônio Rapôso, no século XVII, capturou de uma vez 3 mil índios no interior. A metade pereceu de maus tratos, moléstias e sofrimentos. A outra metade chegou a São Paulo. Aí foi vendida como bandos de escravos.

O Capitão Pedro da Costa Favela, em 1665, dirigiu uma expedição punitiva na Amazônia. Incendiou 300 aldeias. Matou mais de 700 índios. Trouxe cativos cerca de 400, que foram vendidos em hasta pública no Pará. Tais os “civilizadores.”

A história da escravização dos negros é também dramática. São as caçadas de escravos na própria África. É a venda em troca de conchas. As viagens horríveis nos navios negreiros. As doenças e o *banzo*, isto é, a dor da escravidão, a saudade da África distante e a angústia do desconhecido. Os trabalhos forçados e as chibatadas no Brasil. As fugas e as revoltas. O esmagamento das lutas dos negros pelos senhores e seus capitães-do-mato...

Quantos homens tombaram na batalha desigual! Tombaram muitos filhos do povo heróico. Tombaram inúmeros exploradores, ambiciosos, senhores de escravos.

No século XVI, a maioria dos donatários das capitânias fracassou.

Também no século XVI, Orellana descobriu o Amazonas. Queria ser o senhor do Eldorado. Mas pereceu obscuramente.

Igualmente no mesmo século, Gabriel Soares de Sousa escreveu um notável tratado descritivo do Brasil. Desejou descobrir imensas riquezas na região do Rio São Francisco. Mas tombou obscuramente.

E as tragédias de muitos Bandeirantes?

Como foi difícil a penetração em certas zonas do Brasil! A monção ou expedição de 1720 deveria colonizar Cuiabá, em Mato Grosso. Nenhum de seus participantes chegou ao destino. Todos pereceram.

A monção de 1725 era formada por 300 pessoas. Apenas 5 escaparam. A quase totalidade morreu de fome, de miséria e trabalho exaustivo. Tal o começo do povoamento das terras imensas de Mato Grosso.

No período do escravismo e colonialismo de Portugal, a princípio, um ou outro governante tentou fazer algo pelo Brasil. Tomé de Sousa, por exemplo.

Posteriormente, o País foi-se enchendo de exploradores e opressores, parasitas e burocratas, adventícios e aventureiros de toda espécie. Não tinham amor ao Brasil. Viviam voltados para Portugal. Eram bárbaros e brutais. Carrascos como o Conde de Assumar, governador de Minas Gerais, que ordenou o esarteamento de Filipe dos Santos. Tiranos como o Conde de Resende, vice-rei, presidente do tribunal que condenou Tiradentes e os outros Conjurados Mineiros.

Escravizavam os índios. Oprimiam os negros. Enforcavam os lutadores da liberdade. Consideravam o trabalho uma vergonha. Reservavam-no para os escravos. Muitos portugueses vinham apenas enriquecer. Logo que acumulavam ouro, dinheiro ou mercadorias, tratavam de voltar à terrinha e aí viver de rendimentos, como parasitas, sem trabalhar.

O Brasil produziu toneladas de ouro e diamantes. No final, ficou na miséria. E, nela, continua até hoje.

Os reis de Portugal saquearam o Brasil. Malbarataram tudo. Nada fizeram pelo povo português, na miséria. Nem sequer foram capazes de guardar os frutos de tanta rapina!

Nossas riquezas caíram nas garras de espoliadores estrangeiros. Quais? Aristocratas e burgueses de Portugal. Príncipes e magnatas da igreja católica e feudal. Capitalistas ingleses, franceses e holandeses. E, agora, monopolistas norte-americanos.

O povo brasileiro tem passado por tremendas vicissitudes históricas. Sofreu 3 1/2 séculos de escravismo. Mais de 3 séculos do jugo colonialista português. Agressões de piratas ingleses desde o século XVI. Invasões de saqueadores franceses e holandeses, sobretudo no século XVII. A exploração econômica, a agiotagem financeira e a opressão política dos capitalistas ingleses durante mais de um século, até 1930. A rapina e a opressão nacional semicolonial dos imperialistas norte-americanos, desde 1930 até hoje.

A História do Brasil é a história do martírio e da revolta seculares do homem trabalhador! Outrora, subjugado pelo escravismo. Hoje, pelo imperialismo e o semi-feudalismo dominantes.

A história do nosso povo tem sido dura, difícil e dolorosa. Pesada, a vida dos índios e negros. Penosa, a luta dos sertanistas. Trágica, a existência dos seringueiros e garimpeiros.

E os dramas de Canudos e do Contestado? Os camponeses foram exterminados pelas tropas do governo federal. E a conquista do Acre pelos seringueiros nordestinos? Derrotaram o exército boliviano. Mas foram derrotados pela política sórdida do governo federal e seus prepostos.

E a construção da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré? Devorou milhares de trabalhadores. E a batalha da borracha, durante a segunda guerra mundial? E as lutas tremendas contra as secas e inundações no Nordeste?

A Amazônia é imensa. Deveria ter terra para todos. Deveria ser a pátria imortal da liberdade. No entanto, tem sido uma prisão mortal para o trabalhador.

No interior do Nordeste, o camponês procurava escapar ao domínio de três desgraças: as sobrevivências pré-capitalistas, as calamidades naturais em geral e o flagelo da seca em particular. Partia para a Amazônia. Ia cheio de fé e de esperança. E, nos seringais desertos, ficava abandonado. Caía noutra desgraça: a miséria e a

opressão feudais. Tentava fugir. Era morto pelos capangas do senhor. Ou, então, era prêso, surrado e devolvido ao dono da terra e dono do trabalhador. No final, tornava-se um semi-servo endividado. Ficava prisioneiro de três desgraças: o pré-capitalismo em geral e o semifeudalismo em particular, a inação durante o tempo da enchente e as grandes distâncias na imensidade da Amazônia. Até hoje, no fundamental, muito pouco mudou nestas trágicas relações de produção.

O Brasil, em grande parte, jaz ao abandono. Largados, os lugarejos do interior. Abandonados, os rios, as minas, as riquezas naturais. Perdidos na solidão da vida e das selvas, os trabalhadores dos seringais e dos castanheais da Amazônia. Desamparados, os jangadeiros do Ceará, os vaqueiros dos sertões, os trabalhadores das usinas e engenhos de açúcar do Nordeste. Esquecidos, os moradores das favelas do Rio de Janeiro, os caipiras de Minas Gerais, os colonos dos cafêzais de São Paulo, os peões das estâncias do Rio Grande do Sul, os vaqueiros da zona do Pantanal de Mato Grosso.

Em nosso País, um mundo de cousas vai à toa, à ganhaia, à matroca. Foram realizados à doida: o desbravamento, a colonização, o povoamento da Amazônia, as migrações dos nordestinos para a borracha do Norte e o café do Sul. O desenvolvimento cultural, também desordenadamente. Por tôda parte, improvisações de última hora. Tudo tem exigido um dispêndio colossal de trabalho e de energias. Mas é tempo de têrmos método, sistema, organização e planificação, em tudo e por tudo! A serviço da Pátria e da Humanidade, e não a serviço do capital monopolista e financeiro, como na Alemanha de Hitler e nos Estados Unidos capitalistas.

O povo brasileiro teve de revoltar-se muitas vezes contra o caos e a desordem oficiais, contra tanta miséria e espoliação.

A História do Brasil é a história dos lutadores progressistas. Esses heróis e mártires conheceram tôdas as violências. Foram enforcados como Tiradentes. Ou fu-

zilhados como Frei Caneca. Sofreram a prisão, o exílio e tantos outros tormentos, como os intelectuais revoltados do século XIX e os intelectuais revolucionários do século XX.

Os intelectuais progressistas — Tobias Barreto, Sílvio Romero, Euclides da Cunha — viveram isolados, solitários na dor profunda e na luta desigual, na mais dolorosa das solidões. Mas, agora, é preciso lutar intrêpidamente contra o abandono e a solidão, a miséria e a espoliação. Basta de tantos sofrimentos do povo brasileiro!

O nosso povo travou muitos combates. Teve certas vitórias. Mas vitórias parciais. Não profundas. Nem radicais. Nem estruturais. Tais foram a Independência em 1822 e a República em 1889.

Infelizmente o povo brasileiro tem sofrido reveses, derrotas e infortúnios.

Foram derrotados os índios Caetés de Alagoas e Ajuicaba na Amazônia, os Quilombolas de Alagoas e os Malês da Bahia.

Derrotados, a Cabanada no Pará, Bequimão e a Balaiada no Maranhão, o movimento republicano de 1817, a Confederação do Equador e a Praieira em Pernambuco, a conjuração do alfaiate Nascimento e a Sabinada na Bahia, Filipe dos Santos e Tiradentes em Minas Gerais, a Farroupilha no Rio Grande do Sul.

Derrotados, os camponeses de Canudos e do Contestado. Derrotados, os operários na insurreição armada de 1918, no Rio de Janeiro. Derrotados, os insurrectos de Copacabana em 1922 e os de São Paulo em 1924. Derrotada, a Aliança Nacional Libertadora, nas insurreições armadas de novembro de 1935.

Tal a herança trágica e terrível da História do Brasil. Essa herança pesa sobre as novas gerações.

Basta de derrotas! É tempo de preparar uma vitória profunda e radical, determinante e estrutural, de importância histórica *estratégica!*

AS FÔRÇAS PROGRESSISTAS BRASILEIRAS.

Através da História do Brasil, dois campos sempre estiveram em luta acesa: o campo das fôrças progressistas contra o campo das fôrças reacionárias. Essa luta dos contrários é uma condição de desenvolvimento.

No *passado*, homens e massas representaram as fôrças progressistas.

No Nordeste, em União e Viçosa de Alagoas, a luta do Quilombo dos Palmares foi um poema épico. O negro Zumbi, o chefe dos Palmarinos, bateu-se pela liberdade. Preferiu a morte à escravidão!

No Amazonas, o índio Ajuricaba viveu também uma epopéia. Depois de muitas lutas, ficou prisioneiro. Foi enviado a Belém do Pará. Algemado, carregado de cadeias, atirou-se às águas do Rio Amazonas. Preferiu, igualmente, a morte à escravidão!

O povo do Norte e Nordeste bateu-se bravamente contra os exploradores e opressores holandeses.

Tiradentes é um símbolo imortal das fôrças progressistas brasileiras.

Os republicanos do Nordeste, da Bahia e do Extremo-Sul também encarnaram as fôrças progressistas do povo brasileiro.

Castro Alves, na luta, conquistou lauréis imortais. Os negros Malês da Bahia, os abolicionistas como o jangadeiro Nascimento e o tribuno Luís Gama, combateram pela liberdade, contra a escravidão.

Bateram-se pelas idéias avançadas os intelectuais progressistas — Tavares Bastos, alagoano, Tobias Barreto e Sílvio Romero, sergipanos, Euclides da Cunha, fluminense, Lima Barreto, carioca.

Os marinheiros de 1910 sublevaram-se contra a chibata — sobrevivência do passado escravista.

Na história do povo brasileiro, representaram, igualmente, fôrças progressistas: os operários e os intelectuais da grande vaga de greves e movimentos populares de 1917-1920; os operários e os intelectuais comunistas, a partir de 1922; os revoltosos pequeno-burgueses de 1922-

1927; os combatentes da Aliança Nacional Libertadora; os heróis da Fôrça Expedicionária Brasileira; os participantes dos movimentos democráticos e revolucionários.

No *presente*, representam as fôrças progressistas brasileiras e continuam a tradição luminosa do passado: os combatentes que se batem pelas idéias de Marx, Engels e Lênin; os operários e os camponeses conscientes; os estudantes e intelectuais avançados; os jovens e as mulheres da vanguarda; os nacionalistas; os lutadores contra a guerra, a reação e o imperialismo; os defensores das nossas riquezas naturais e do monopólio estatal do petróleo; os verdadeiros patriotas e humanistas, democratas e revolucionários.

Todos êles contribuem para a grande causa da libertação nacional do Brasil — condição preliminar para a libertação social e a construção do socialismo!

Em vista desse objetivo, o Brasil precisa de novos lutadores progressistas, teóricos e práticos, pensadores e filósofos, homens de talento, cultura e caráter, homens da mais alta e mais profunda, mais vasta e mais complexa visão geral da vida e do universo!

As fôrças progressistas brasileiras têm o direito e o dever de apelar para a solidariedade das fôrças progressistas mundiais: os países socialistas, o movimento antiimperialista da América Latina, Ásia, África, e Oceania, os pensadores, filósofos e historiadores avançados do mundo inteiro.

Por estas e outras razões, levanta-se uma tarefa grandiosa nos domínios da cultura em geral, da história e da filosofia em particular. Hoje mais do que nunca, é imprescindível renovar totalmente o pensamento ideológico brasileiro. É necessário trazer para o Brasil o que a Europa e o mundo deram de melhor — os grandes teóricos e pensadores, filósofos e historiadores, avançados e progressistas, suas obras, idéias e ideais!

AS FÔRÇAS REACIONÁRIAS. Os reacionários defendem vis interesses, privilégios, monopólios. Desejam a volta ao passado morto. Ou, no mínimo, a estagnação social. Rechaçam o movimento e o desenvolvimento, a renovação e a transfiguração revolucionárias da sociedade. Não admitem que o Brasil avance em direção ao futuro.

Os reacionários sempre estiveram a serviço dos exploradores e opressores estrangeiros. Quais? Os escravistas e colonialistas portugueses, até 1822. Os capitalistas ingleses, até 1930. Os imperialistas norte-americanos, no presente.

Igualmente, sempre estiveram a serviço das classes parasitárias dominantes. Quais? Os escravistas até 1888. Os grandes proprietários rurais e a grande burguesia no Brasil do século XX.

No passado, quais os representantes das forças reacionárias? Os escravistas e colonialistas portugueses, seus agentes e instrumentos. Os exploradores e opressores brasileiros, depois de 1822. Os negreiros e senhores de escravos. Os feitores e os capitães-de-mato, isto é, os caçadores de negros escravos fugidos. Em geral, os agentes e instrumentos dos escravistas dominantes.

Os exploradores e opressores, especialmente durante o domínio de Portugal, martirizaram os brasileiros com os piores métodos e sistemas, armas e instrumentos. Quais? O fisco e o confisco. A derrama e a devassa. A prisão e o degrêdo. O tronco e o pelourinho. O enforcamento e o esquartejamento.

Os reacionários cometeram crimes espantosos contra o povo brasileiro. Decapitaram o Zumbi do Quilombo dos Palmares. Enforcaram Bequimão. Esquartejaram Filipe dos Santos. Enforcaram, esquartejaram e decapitaram Tiradentes. Enforcaram e esquartejaram os alfaiates e os soldados republicanos da Bahia em 1798. Enforcaram e fuzilaram os heróis de 1817 e 1824 no Nordeste.

Êsses tiranos tinham a crueldade dos sadistas como Torquemada — inquisidor geral do tribunal do “Santo Ofício” na Espanha. Tinha a mentalidade da Rainha Maria

I, a Doida, que mandou supliciar Tiradentes. Tinham o espírito de Carlota Joaquina — a outra rainha tarada, que desejava a monarquia absoluta de direito divino.

A História do Brasil apresenta muitos reacionários. Quais? Os carrascos de Tiradentes e da Conjuração Mineira — Maria I, a Doida, o futuro João VI, então regente, o governador de Minas Gerais, isto é, o Visconde de Barbacena, os Vice-reis Luís de Vasconcelos e Conde de Resende. Os verdugos do movimento republicano de 1817 — João VI, o Conde dos Arcos, governador da Bahia, Luís do Rêgo Barreto, governador de Pernambuco. Os esmagadores da Confederação do Equador, em 1824 — o Imperador Pedro I, Lorde Cochrane, o Marquês do Recife e o futuro General Francisco de Lima e Silva. Os repressores do movimento republicano, a Praieira, em 1848 — o Imperador Pedro II, o General José Joaquim Coelho e outros.

Foram também reacionários os generais como o Duque de Caxias — massacradores dos movimentos populares, guardas do trono e do altar, condestáveis do Império escravista.

Os generais reacionários de hoje são caricaturas de Caxias.

A mística e a religião sempre foram instrumentos de classe. Instrumentos das classes exploradoras e opressoras. É seu papel essencial.

De um lado, na igreja católica, sempre existiram a cúpula, o clero rico, os príncipes e magnatas. São, em geral, reacionários. De outro lado, existiram padres e frades pobres, de tendências progressistas. Tais foram os padres que participaram da Conjuração Mineira ao lado de Tiradentes, João Ribeiro e Miguelinho em 1817, Frei Caneca em 1824 e tantos outros. Merecem o nosso respeito!

Em Pernambuco, em 1817, depois da derrota do movimento republicano, o Padre João Ribeiro suicidou-se. Morto e enterrado, seu túmulo foi profanado pelos sicários da reação. O cadáver, desenterrado. A cabeça, degolada e pendurada no pelourinho.

Outros lutadores de 1817 foram mortos. Suas mãos, cortadas. As cabeças, decepadas e pregadas em postes. Os restos sangrentos dos cadáveres, ligados a caudas de cavalos e arrastados pelas ruas do Recife. Tal a "civilização" cristã, defendida pelos reacionários de ontem e de hoje...

A 15 de novembro de 1889, o reacionário Visconde de Ouro Preto, presidente do Conselho de Ministros, pretendia salvar a monarquia. Queria afogar em sangue a República. Ordenou que fôsem metralhados os rebeldes como Diodoro e Benjamim Constant. Fracassou. A ordem não foi cumprida. E a monarquia caiu de podre!

Os reacionários como o Presidente Hermes da Fonseca foram os esmagadores da insurreição dos marinheiros, em 1910. O Comandante Batista das Neves mandava chibatear os marinheiros. O Comandante Marques da Rocha asfixiou e matou muitos deles nas masmorras da Ilha das Cobras. O 2.º Tenente Francisco de Melo fuzilou marinheiros no Satérite — o navio maldito.

Os reacionários sempre fizeram a política dos grandes proprietários rurais. Capitularam em face dos imperialistas — antes, ingleses e, agora, norte-americanos. Cometaram crimes espantosos. Martirizaram os filhos do povo. Esmagaram seus desejos de rebelião.

O governo reacionário de Epitácio Pessoa reprimiu violentamente as greves operárias (como a da Estrada de Ferro Leopoldina) e a insurreição armada de Copacabana.

O governo reacionário de Artur Bernardes foi um instrumento dos latifundiários e dos imperialistas ingleses. Perseguiu os operários e os intelectuais comunistas. Massacrôu os revoltosos de São Paulo e da Coluna Prestes. Deportou para o Extremo-Norte — a Clevelândia longínqua e malsã — cerca de 1.500 operários e revoltosos, que, aí, foram morrendo às centenas.

O governo reacionário de Washington Luís não passou de um brinquedo nas mãos dos grandes fazendeiros de café de São Paulo e dos imperialistas ingleses. Dispersava os comícios a bala. Tinha o hábito de espancar os operários presos.

O governo reacionário de Getúlio Vargas foi um instrumento dos grandes estancieiros do Rio Grande do Sul e dos imperialistas norte-americanos. Criou as câmaras de tortura da Polícia Central do Rio de Janeiro. Implantou o terror em 1936. Aliou-se a Hitler e Mussolini em 1937. Enviou milhares de presos políticos para a Ilha de Fernando de Noronha e para a Colônia Correccional da Ilha Grande.

O governo reacionário de Eurico Dutra perseguiu os trabalhadores. Massacrôu-os nas praças da própria capital do País.

Tal o triste balanço desses governos.

Os chefes da polícia do Rio de Janeiro, os delegados da polícia política e as matilhas de carcereiros e espancadores, perseguiram implacavelmente os operários e os intelectuais revolucionários. Nesse triste papel, foram gendarmes da reação: Aurelino Leal, Geminiano da Franca, Marechal Fontoura, Oliveira Sobrinho, Batista Luzardo, Salgado Filho, o Capitão Filinto Müller e tantos outros.

Os reacionários escreveram páginas sombrias na História do Brasil. Salientaram-se muitos deles. Quais? Os esmagadores das greves operárias de 1917-1920. Os perseguidores do Partido Comunista. Os bombardeadores da cidade de São Paulo como o Presidente Bernardes e o General Potiguara, em 1924. Os organizadores do golpe de Estado pró-fascista como o Ditador Getúlio Vargas e o General Góis Monteiro, em 1937.

Através da História do Brasil, os reacionários sempre procuraram sufocar as forças vivas da grande Nação. Trataram de retardar o desenvolvimento dessas forças. Empurraram o País para trás. Torturaram homens de talento, cultura e caráter.

No presente, em nosso País, representam as forças reacionárias: os imperialistas norte-americanos, seus agentes e instrumentos; os grandes proprietários rurais semifeudais; uma parte da grande burguesia brasileira, corrompida pelo imperialismo e aliada dos latifundiários;

os políticos estreitamente ligados às classes dominantes; certos oficiais das forças armadas; os capangas e os policiais; os escribas e “intelectuais” pagos pelos imperialistas; os príncipes e magnatas da igreja, que exploram a mística feudal e reacionária da Idade Média européia.

No Brasil e na América Latina, a reação ainda dispõe de grandes cabedais — milhões de dólares e contos nos cofres dos bancos e das grandes empresas, nas garras dos imperialistas e das classes dominantes. Ainda tem muitas possibilidades econômicas e financeiras, políticas e sociais, morais e intelectuais.

Mas os acontecimentos desenvolveram-se em sentido contrário à reação. A História, invencível, varrerá os reacionários!

É um dever dos homens avançados e progressistas do presente, combater e contribuir para desbaratar todos os reacionários. Assim o exigem os supremos interesses da Pátria.

Que a indignação do povo brasileiro recaia sobre os reacionários de hoje e de todos os tempos!

A FALSA “HISTÓRIA” DO BRASIL. A História do Brasil, escrita até hoje, tem sido, em toda uma série de casos, mística e teológica, idílica e idealista, acadêmica e escolástica, reacionária e confusionista. É uma espécie de mitologia. Está cheia de mitos, mentiras e mistificações!

A História do Brasil, escrita até hoje, tem sido, na maioria dos casos, a mais ridícula sucessão de historietas estúpidas sobre uma insignificante minoria de figurões e medalhões — 43 governadores gerais, 7 vice-reis, uns tantos regentes, 2 imperadores e uns 20 presidentes da República.

Portanto, essa “história” só se ocupa de agentes e instrumentos das classes exploradoras e opressoras — bandos de parasitas e privilegiados, personagens artificiais, bonecos de engonço, metidos em roupagens teatrais, como

no palco, numa cena de ópera barata e, muitas vezes, de ópera bufa!

As “histórias” da colonização portuguesa, do Império e da República, as biografias de Anchieta e Nóbrega, de Feijó e José Bonifácio, de Pedro I e Pedro II, de Caxias e outros generais reacionários, de Rui Barbosa e Machado de Assis — estão cheias de mitos, mentiras e mistificações. Sobre elas, certos “historiadores” escreveram e escrevem idílios e idealizações, panegíricos e apologéticas.

Tais “historiadores” substituíram a severa e necessária análise crítica dos acontecimentos nacionais pela “história” *idilizada e idealizada* das classes dominantes, de seus agentes e instrumentos. Substituíram a verdadeira História do Brasil pelos mais vergonhosos panegíricos, apologéticas e idealizações.

Basta de panegíricos!

Os homens devem ser pintados de um modo realista e revolucionário. Não devem ser jamais divinizados. Nem aparecer idealizados, entre nuvens e nimbos, num cenário mítico, místico e mistificante.

Existem os tipos mais diversos de “historiadores”. Entre eles, os místicos e os “cientificistas.”

Os místicos foram completamente deformados pela ideologia feudal e reacionária da Idade Média européia. Tentam reduzir a História do Brasil a um pobre apêndice, suplemento da Bíblia e da pretensa “história sagrada”. Idealizam até a loucura os jesuítas e a igreja católica — feudal e burguesa. Fabricam milagres. Perdem-se em historietas estúpidas.

Os “cientificistas” não são cientistas de modo algum. Naufragam na “erudição” livresca e vulgar. Adotam as “teorias” mais extravagantes:

1. Tentam interpretar a História do Brasil pelo determinismo geográfico — pelo clima e outros fatores geográficos.

2. Recorrem à biologia e ao chamado “social-darwinismo” que nada tem de comum com a verdadeira dou-

trina de Darwin, conforme o provamos no livro *Os Intelectuais Progressistas*.

3. Deixam-se levar pela etnologia e a antropologia — parasitas no terreno da História.

4. Perdem-se no racismo — substituem a luta das classes pela pretensa “luta das raças.”

5. Pretendem explicar a História pela psíquica.

6. Amparam-se no freudismo — tentam fazer do sexo a força motriz da História.

7. Pedem o auxílio da “sociologia” burguesa, europeia e norte-americana, em decadência.

Uns e outros, os místicos e os “cientificistas”, afundam na mais completa bancarrota!

Inúmeros livros didáticos, com muitas edições, começam suas historietas em 1500, com a chegada dos portugueses. Desta forma, suprimem a comuna primitiva, isto é, a História do Brasil durante séculos. Suprimem, também, o escravismo, o semifeudalismo e o imperialismo dominantes.

Tais livros têm como pretensa “base” o seguinte esquema: O descobrimento pelos portugueses. As capitânias doadas pelos portugueses aos portugueses. Os governadores gerais portugueses. Os vice-reis portugueses. A chegada de João VI e do futuro Pedro I — portugueses. A Regência. Pedro II. Os presidentes da República...

É isto a História do Brasil? Jamais! Tal esquema é totalmente falso, morto, escolástico!

Umhas tantas dessas “Histórias do Brasil” fazem referências à Renascença, às navegações e aos descobrimentos que antecederam o do Brasil.

Mas não mostram concretamente que as próprias navegações e os descobrimentos resultaram da existência de uma nova época de características próprias que iam surgindo. Quais? A terminação do feudalismo. A decadência da classe dos senhores feudais. A decomposição da sua ideologia mística, feudal e escolástica. O nascimento do capitalismo. A ascensão da nova classe — a burguesia. O

aparecimento da nova ideologia progressista da Renascença.

Esses e outros livros semelhantes nada têm de comum com a ciência histórica — a ciência dialética por natureza. Nêles, não há processo. Nem movimento. Nem desenvolvimento. Não há relações. Nem ligações. Não há encadeamento. Nem condicionamento. Tudo cai do céu, por obra e graça da Providência Divina...

Certos “historiadores” pretendem ser “cientistas”. Entretanto, mal começam, abandonam o domínio concreto da História. Enveredam, logo, pelo terreno da etnologia ou da antropologia. Substituem os fatores históricos, isto é, econômicos, políticos e sociais, pelas designações ou categoriais etnológicas: raças e tribos. Reduzem os índios a simples tribos — categoria etnológica, que nada tem a ver no terreno da História. Só enxergam raças no Brasil — a raça branca, a raça negra e a raça vermelha. A História fica reduzida a um pobre capítulo da etnologia.

Os “historiadores” brasileiros não querem ver as formações econômicas e sociais, que se sucederam na História Universal.

Tentam interpretar a História do Brasil e dar uma visão do conjunto, sem ter as condições preliminares. Quais? A necessária base científica e filosófica. O conhecimento profundo do materialismo dialético e do materialismo histórico. A capacidade de aplicá-los. O conhecimento da realidade brasileira no passado e no presente, em ligação com o futuro — em toda a sua profundidade e amplitude, complexidade e *onilateralidade*.

Esses “historiadores” não querem ver as classes. Não admitem a luta das classes — as classes exploradas e oprimidas contra as classes exploradoras e opressoras. Fecham os olhos à luta atual, pela libertação nacional do Brasil. Não têm perspectiva política nem social.

Tais “historiadores” fracassaram, o que era inevitável. Não tinham nenhuma cultura geral. Nem sólida

base teórica — científica e filosófica. Não ultrapassavam a “erudição” vulgar e livresca.

Por tudo isto, perderam-se em miudezas. Divagaram pelas pretensas “interpretações” ecológicas, geográficas, etnológicas ou antropológicas. Escreveram calhamaços ilegíveis. Muitos dêles teceram loas delirantes, como tristes escravos coloniais, aos exploradores e opressores portugueses. Hoje, defendem as classes dominantes. Fecham os olhos ao caráter semicolonial e semifeudal do Brasil, ao papel nefasto do imperialismo e do latifúndio.

Em conseqüência de tudo isto, *a História ainda é uma das ciências mais atrasadas, no Brasil atual.*

É profundamente deplorável que tudo isto ainda aconteça mais de um século depois de Marx ter fundado o materialismo histórico — transformando a História numa verdadeira ciência!

OS NOVOS HISTORIADORES. A História do Brasil está exigindo imperiosamente a mais severa e a mais profunda *análise crítica política ideológica*, a interpretação dos acontecimentos e a extração dos ensinamentos.

Isto requer um vasto esforço coletivo, e não meramente individual. Daí a necessidade de verdadeiras legiões de autênticos historiadores e sociólogos, orientados pelas idéias mais avançadas e progressistas.

O Brasil precisa imperiosamente de novos historiadores — de intelectuais que se baseiem no materialismo dialético e no materialismo histórico, as duas conquistas supremas do pensamento científico e filosófico mundial. Que se inspirem no grande realismo histórico otimista. Que sirvam às forças sociais em ascensão e, especialmente, à classe operária. Que amem a verdade, calorosa e apaixonadamente. Que sejam militantes, combatentes, atacantes, batalhadores.

Os novos historiadores terão de realizar certas tarefas. Fazer a análise crítica, política e ideológica dos acontecimentos. Buscar a essência da História, e não apenas a aparência. Descobrir o que é importante e, com maior

razão, o que é decisivo, determinante. Não se perder nos detalhes. Não catar miudezas. Não se limitar às datas, biografias e narrativas comuns. Nem às listas das correntes e tendências dominantes. Nem à simples enumeração dos fatos. Nem à descrição vulgar dos episódios históricos.

Os novos historiadores brasileiros encontram-se diante de tarefas grandiosas. A batalha na frente ideológica terá de assumir imensas proporções.

Por tudo isto, é imprescindível:

Reestudar e reescrever toda a História do Brasil, de acordo com o materialismo dialético e o materialismo histórico. Investigar as diversas formações econômicas e sociais, sua base econômica e sua superestrutura — política e social, jurídica e ideológica, científica e filosófica, estética e literária, ética e religiosa. Ressaltar o imenso papel das massas populares em toda a sua grandeza e envergadura. Fazer a análise e obter a síntese dos movimentos e experiências vividos pelo povo brasileiro. Tirar os ensinamentos das lutas travadas. Levar êsses ensinamentos ao subsolo da grande Nação, às mais profundas camadas laboriosas.

Que mais? Liquidar os mitos, mentiras e mistificações. Desmascarar os panegíricos, apologéticas e idealizações. Denunciar e condenar tudo quanto houve de negativo na História do Brasil. Atacar todos os reacionários. Suscitar a indignação do povo contra todos os inimigos do progresso. Travar a mais dura, decisiva e conseqüente batalha ideológica. Refutar as pretensas “interpretações” místicas ou idealistas, etnológicas ou antropológicas, técnicas ou geográficas, biológicas ou psicológicas da História. Suscitar a Ruptura Total, violenta e definitiva com o passado morto e suas inúmeras sobrevivências. Fazer a mais severa, profunda e concreta Análise Crítica, Política e Ideológica. Fazer a Revisão Total da História do Brasil. Realizar a mais radical Revalorização de todos os valores!